

Complexo Econômico-Industrial da Saúde: inovação e segurança nacional

O século XXI avança com formidáveis desafios para o Brasil e para o mundo. Não são poucas as incertezas que surgem frente à disputa geoeconômica entre China e Estados Unidos. Também não é menor a velocidade das mudanças tecnológicas que, todos os dias, testam a flexibilidade da mão de obra brasileira e a resiliência competitiva dos diferentes setores econômicos, marcadamente onde a competição internacional é mais feroz.

Em meio a esse ambiente repleto de oportunidades e armadilhas, um setor está emergindo em importância, peso econômico e sucesso: o Complexo Econômico-Industrial da Saúde (CEIS). Na verdade, o CEIS brasileiro atravessa um momento de reafirmação estratégica e se posiciona como pilar para o desenvolvimento da indústria nacional e, especialmente, para a soberania e a segurança nacional. Sob o guarda-chuva da estratégia econômica estabelecida pela Nova Indústria Brasil (NIB), a política industrial do Governo Federal, o país busca não apenas mitigar vulnerabilidades estruturais, mas consolidar um ecossistema de inovação capaz de sustentar o Sistema Único de Saúde (SUS) e projetar a indústria nacional da saúde no cenário global. E por que isso é tão importante?

É fácil observar que a trajetória recente da Indústria Farmacêutica Brasileira (IFB) revela amadurecimento notável. Entre 2010 e 2023, assistiu-se ao fortalecimento das capacidades das empresas de capital nacional que lideram, hoje, segmentos importantes, como o de medicamentos genéricos (Julia Paranhos e Lia Hasenclever). Embora a dependência externa de Insumos Farmacêuticos Ativos (IFAs) permaneça um grave desafio, as duas renomadas pesquisadoras argumentam, em artigo publicado nesta 2.^a edição da revista *Observatório ABDI*, que há caminhos para a superação do problema. No caso, as professoras afirmam que uma possível solução para o gargalo produtivo passa pela integração regional latino-americana. Segundo elas, a cooperação com “vizinhos”, como Argentina e México, pode compor uma estratégia viável para alcançar escala produtiva e viabilizar a produção de princípios ativos a preços competitivos, fortalecendo a resiliência sanitária do continente.

Neste cenário, os Laboratórios Farmacêuticos Oficiais (LFOs), como Fiocruz e Butantan, desempenham um papel vital (Danielle Vasconcelos e Bernardo Cabral). Eles não apenas já garantem custos reduzidos ao SUS, como funcionam alavancando o desenvolvimento de tecnologias críticas, usando, para isso, a articulação de uma vasta rede científica. Por isso mesmo, o subsistema de Ciência e Tecnologia (C&T) é evidenciado por Marcia Rapini e Tulio Chiarini como o eixo transversal da inovação brasileira em saúde, envolvendo desde grandes corporações até micro e pequenas empresas de biotecnologia. É dentro desse circuito que empresas brasileiras inovadoras em saúde encontram soluções para a agressiva competição internacional e garantem sua sobrevivência e crescimento.

No mesmo sentido, os hospitais universitários (HUs) não devem ser considerados apenas consumidores de tecnologia. Para as professoras Luisa Ribeiro e Ana Tatsch, os HUs devem assumir protagonismo na geração, validação e difusão de novas soluções, seja através da realização

de ensaios clínicos ou da aplicação de Inteligência Artificial para resolver desafios operacionais complexos. São instituições riquíssimas em aprendizado prático e têm potencial para traduzir as necessidades assistenciais em produtos inovadores.

Os possíveis caminhos para o CEIS se completam com a discussão do setor de equipamentos médico-hospitalares (EMH), realizada pela Profa. Janaína Ruffoni. A professora observa que, dono de resiliência admirável, o setor, composto majoritariamente por pequenas e médias empresas brasileiras, registrou expansão de faturamento e participação de mercado nos últimos anos. Algo que poderia surpreender quem não acompanha a política industrial e de saúde do país. O artigo científico afirma haver um “núcleo inovador” que está crescendo, apoiado por políticas de financiamento e pela adoção gradual de tecnologias da Indústria 4.0. Em outras palavras, a EMH brasileira tem significativo potencial para elevar sua sofisticação com tecnologia nacional e reduzir a necessidade de importações.

É possível, então, dizer que, embora os desafios de financiamento e coordenação persistam, é admirável ver aflorar um complexo industrial pulsante e em transformação. Dentro dele, a sinergia entre o poder de compra do Estado, a excelência das instituições de pesquisa nacionais e a capacidade do setor privado desenham um horizonte que pode ser muito promissor. De outro modo, o fortalecimento do CEIS, marcadamente através da Missão 2 da Nova Indústria Brasil (NIB), é, acima de tudo, a concretização das esperanças de retomar o desenvolvimento nacional, gerando empregos de qualidade, tecnologia e crescimento econômico.

E tudo isso está discutido nesta edição da revista *Observatório ABDI*. Ao erguer-se, em boa parte utilizando instrumentos da Nova Indústria Brasil, o CEIS demonstra ser mais do que um ativo econômico nacional e uma garantia de acesso à saúde. É mais do que isso. Em tempos de envelhecimento populacional, crise climática e guerras regionais, o desenvolvimento do CEIS constitui-se em asa protetora do país, em ativo de segurança nacional.

Boa leitura.

Olavo Noleto Alves

Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial - ABDI
Presidente

Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI)

Presidente

Olavo Noleto Alves

Desenvolvimento Produtivo e Tecnológico

Neide Aparecida de Sousa Freitas

Economia Sustentável e Industrialização

Randal Farah de Oliveira Leão

Superintendente-Executivo

Olmo Borges Xavier

Chefe de Gabinete

Vivian Magalhães Frota Mont'Alverne

Gerente de Monitoramento e Avaliação

Roberto Sampaio Pedreira

Equipe Técnica

Carlos Eduardo Flores de Araújo

Carlos Henrique de Mello Silva

Edson F. Lopes

Larissa de F. Querino

Raphael L. Ribeiro

Ricardo L. C. Amorim

Capa

Unidade Comunicação e Marketing